

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

AS TERRITORIALIDADES DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Alessandro Dozena

São Paulo
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

AS TERRITORIALIDADES DO SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO

Alessandro Dozena

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato

São Paulo
2009

Aprovado em 16/12/2009

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Capuano Scarlato _____
(Orientador)

Prof. Dr. Antônio Carlos Robert Moraes _____

Prof. Dr. Julio Cesar Susuki _____

Profa. Dra. Bernadete A. C. Oliveira _____

Prof. Dr. Paulo Cesar da C. Gomes _____

Aqui “jazz” um doutorado
repleto de samba, que
fez dançar meus pensamentos, reinventando
minha imaginação geográfica e
mantendo viva minha verdade.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	19
1. O SAMBA NA CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO	47
1.1 Samba e cultura brasileira: Dos batuques às escolas de samba	51
1.2 As “raízes territoriais” do samba paulistano	60
1.3 As mudanças na dinâmica do carnaval paulistano	76
1.4 A expansão do samba na cidade de São Paulo	91
1.5 O bairro no “mundo do samba”	121
1.6 O samba na “quebrada” do Parque Peruche	128
1.7 O samba na “quebrada” do Bexiga	140
1.8 O pertencimento comunitário fluído no “mundo do samba”	153
2. A DIMENSÃO CULTURAL DO “MUNDO DO SAMBA”	158
2.1 O samba como discurso e prática de Contra-Finalidade	159
2.2 A Contra-Finalidade em Adoniran Barbosa	168
2.3 O papel da corporeidade na conformação de territorializações urbanas	183
2.4 Os movimentos de samba na cidade de São Paulo	189
3. A DIMENSÃO POLÍTICA E ECONÔMICA DO “MUNDO DO SAMBA”	199
3.1 As negociações políticas	200
3.2 Geração de empregos e de capital	216
3.3 “Fábrica dos Sonhos”: A criação de um território especializado	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS	236
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	254

Incentivo especial:

Trabalho realizado com bolsa doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo nº 06/51309-8.

Devo salientar que é imensa a minha gratidão à FAPESP, por ter tido a ventura de realizar a Pós-Graduação com as condições ímpares propiciadas a um bolsista desta instituição. Espero ter correspondido com o benefício a mim proporcionado pela sociedade paulista, que, pelo pagamento de seus tributos, sustenta essa Fundação.

AGRADECIMENTOS

O trabalho que ora se apresenta, assinala a conclusão do processo de doutoramento iniciado em 2006, quando tive a felicidade de ter sido contemplado com a bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Não tenho palavras para explicar a alegria dos quatro anos de orientação apreciados ao lado do professor Dr. Francisco Capuano Scarlato, mestre de grande qualidade intelectual e sensibilidade humana. Também não é fácil tornar patente meu imenso agradecimento por sua amizade, por sua confiança, por sua presença sempre motivadora, pelo seu ânimo e envolvimento na direção deste trabalho. Manifesto minha honra de tê-lo encontrado nesta minha importante fase acadêmica e de vida. Reconheço a sua importância, mestre, em tornar a Geografia brasileira mais afortunada, por sua franqueza no dizer e no proceder.

Gostaria de agradecer igualmente minha querida esposa, Katia Agg, cuja convivência e amor irrestrito sempre me foram fortificantes. Se há um sustentáculo emocional que me possibilitou concluir este trabalho, ele é minha querida esposa. Sou grato pelas palavras elogiosas e de estímulo nos períodos difíceis.

Aqui aproveito para também agradecer aos meus pais, Anibal e Pascoalina, que do mesmo modo, são exemplos na constituição de meu caráter, pelo comportamento do qual busco me inspirar para encarar os embates que a vida proporciona. O que é passível de ser dito é que tentei imprimir neste trabalho a mesma persistência que aprendi com minha mãe, e a simplicidade que aprendi com meu pai. A todos os meus familiares deixo aqui expresso meus agradecimentos pelo apoio e convivência sempre estimulante: Clóvis e Virgínia Agg, Ronaldo, Luciana e Bianca Agg, Agnaldo Agg e Fernanda Gomes, Lilian e Alcides Garcia, Marcelo, Sandra e Isabela Dozena, Aline Dozena e Alex Ciacci.

No que se refere ao encaminhamento da pesquisa propriamente dito, vale salientar que, além dos levantamentos estatísticos e da revisão bibliográfica, as entrevistas foram essenciais para a consolidação da discussão presente na tese. Assim sendo, gostaria de agradecer a todos os entrevistados, pois se dispuseram a prestar esclarecimentos sobre a dinâmica do samba na cidade de São Paulo, do modo mais gentil possível: Tiarajú, Kaçula, Francisco, Lino, Billy, Roberto, Léia, Betinho, Róbson, Nanci,

Celso e Penteados.

Agradeço imensamente a professora Dra. Bernadete de Castro Oliveira e o professor Dr. Antônio Carlos Robert de Moraes, pela leitura atenciosa e encaminhamentos fundamentais na ocasião do Exame de Qualificação; manifestando sensibilidade, respeito e sugestões muito pertinentes. Agradeço também ao professor Dr. Paulo César da Costa Gomes e ao professor Dr. Júlio César Susuki, pela leitura da versão final da tese e por aceitarem o convite para a banca avaliadora.

Gostaria de agradecer ao historiador e grande figura humana, Francisco Rocha, que dispôs alguns encontros para me esclarecer acerca da importância de Adoniran Barbosa para o samba paulistano. Devo também ao meu amigo Roberto Goulart Menezes, pelo acompanhamento e horas de conversa. Deixo aqui expresso meu sincero agradecimento pela leitura do projeto de pesquisa realizado por ambos.

Com relação às leituras, gostaria de demonstrar minha enorme gratidão a Antônio Malacquias (Billy) e profa. Dra. Valéria Cazetta que, muito generosamente, leram a primeira versão de meu relatório FAPESP. Agradeço ainda a Andréa Zacharias, Luciene Risso, Neusa Mariano, Gabrielli Cifelli e Dolores Biruel pelos convites para a realização de palestras e participação em Mesas Redondas em suas instituições universitárias, o que de certo modo me possibilitou permanecer em contato com a sala de aula; atenuando-se a saudade da proximidade com o corpo discente.

Igualmente, deixo meu sincero agradecimento e consideração à professora Dra. Glória Anunciação Alves, pela possibilidade de participação no Grupo de Estudos *Sociedade Urbana: Metrópole e Território*, pertencente ao Laboratório de Geografia Urbana - LABUR, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. As prazerosas e proveitosas discussões compartilhadas com pesquisadores de distintas formações acadêmicas fincaram raízes em minha personalidade intelectual. Certamente, um dos principais momentos deste convívio se deu na discussão crítica de meu Relatório de Qualificação, efetuada por Sandra, Nanci, Wagner, Nedir, Cléber, Adailton, César e Gil; além da professora Glória. Valeu pessoal !

Ainda no âmbito do Departamento de Geografia, gostaria de manifestar meu sentimento de estima e de amizade pelo professor Dr. Júlio César Suzuki, agradecido pela leitura do Projeto de Pesquisa e submissão deste à leitura de alguns membros do Laboratório de Geografia Agrária: Selito, Lino, Samarone, Eduardo e Lina, a quem sou

grato. As professoras Dra. Amália Inês e Dra. Mónica Arroyo, desejo assinalar minha admiração e gratidão pela generosidade com que sempre me trataram.

As secretárias do Setor de Pós-Graduação: Ana, Jurema, Cida e Rosângela, que desde a realização do mestrado me trataram com muita presteza.

Toda a estrutura da Universidade de São Paulo facilitou a escrita, merecendo referência suas excelentes bibliotecas e o seu completo conjunto poliesportivo – CEPEUSP.

Ao professor Dr. José Guilherme Magnani, cujo trabalho rigoroso e apaixonante muito me inspira e influencia. A participação em sua disciplina *Pesquisa de Campo em Antropologia* foi edificante e me ajudou sobremaneira.

Não poderia deixar ainda de agradecer ao professor Dr. Mauro Leonel, que generosamente me recebeu como estagiário de sua disciplina *Sociedade e Meio Ambiente* na USP - Leste, dentro do Programa de Aperfeiçoamento ao Ensino. Igualmente, aos membros do Grup d'Investigacions en Geografia Urbana - GICU e ao professor Dr. Carles Carreras i Verdaguer, que me recebeu por três meses no Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona – Espanha.

Faz-se importante novamente agradecer a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pela concessão dos recursos que permitiram esse importante período de “vivência” em Barcelona, e ao Zeus, pelo acompanhamento e apoio.

Também agradeço a Pró Reitoria de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, pelo apoio financeiro que tornou possível a participação no Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais realizado em Portugal, além do auxílio na compra das passagens para o estágio em Barcelona.

Ao professor Dr. José Roberto Zan, pela disciplina inspiradora *Estudos Avançados em Música Popular*, cursada no Curso de Pós – Graduação em Música da Universidade de Campinas – UNICAMP, no período que antecedeu meu ingresso no doutorado.

Ao amigo Márcio Michalczuk Marcelino, o popular Lino da Peruche, um dos principais responsáveis por me apresentar vários entrevistados, pelas informações preciosas no início da minha descoberta e inserção no “mundo do samba”, pelas

conversas realmente esclarecedoras e estimulantes. Agradeço também pela parceria no artigo publicado na Revista do Núcleo de Antropologia da USP – NAU, elucidando-me muitas questões sobre a presença do samba no Parque Peruche.

Vanir Belo e ao Selito, pelas conversas sobre o samba paulista desde o início do trabalho. Prof. Dr. Rafael Straforini, amigo de graduação, por me acompanhar no trabalho de campo realizado na “Cidade do Samba” carioca.

Ao amigo Samarone Marinho, gostaria de agradecer por estar sempre ao meu lado durante todo o período do doutorado, pelas tardes em que passamos juntos conversando sobre nossos temas de pesquisa e os encaminhamentos teóricos neles presentes, diálogos realmente proveitosos e que me contagiaram de idéias e de admiração por sua qualidade intelectual.

Professora Dra. Samira Pedutti Kahil, grande incentivadora de meu progresso acadêmico. Ao amigo professor Dr. Wendel Henrique pelo incentivo inicial na escolha do tema da pesquisa. A todos os amigos que sempre estiveram por perto: Carlos Henrique da Silva, Carlos Henrique (ex-aluno), Sérgio Lima, Carlos Pinheiro, Ronaldo Pileggi e Joice Dombrova, Wonder Higino e Silvana, Marcos Gomes e Andreza, Vagner Rodrigues, Ricardo Hirata, Rosângela Biruel e Hugo Mariano, Valéria Cazetta e Rosemberg Ferracini.

Aos meus “amigos performáticos”: Anabel Andrés, Dani Lasalvia, Andréa Pimentel, Mauro Santos, Jamil Giúdice, Lila Mun, Luiza, Uly Costa e Priscila Briganti. Todas as aventuras musicais que tivemos foram muito importantes para este trabalho e para o meu aprimoramento humano. Viva o improviso da vida !

Ao Nilo Lima, Renata Salles e Marco Pires pela parceria na elaboração dos mapas e discussão dos temas a eles relacionados. Com certeza, foram conversas muito enriquecedoras para todos nós. Também agradeço Sinthia Cristina Batista e Juliana Canduzini pelas sugestões cartográficas.

Ao professor Dr. Carlos Maia e todos os membros do Grupo de Estudos *Lux Festas Populares*, pelas trocas que têm sido estabelecidas recentemente.

Agradeço Carla Rodrigues, pela revisão final do texto. Do mesmo modo, Girlei Aparecido de Lima pelos apontamentos acerca das regras da ABNT e elaboração da Ficha Catalográfica. E ainda, Érica Oliveira e Lilian Agg pela correção dos resumos.

Paulo Amarante (Paulinho), pelo auxílio na captação das imagens e edição do documentário que acompanha esta tese.

Deixo aqui expresso meu sincero agradecimento a minha (meu) parecerista FAPESP, por confiar no potencial deste estudo. Mesmo sem conhecê-la (o), gostaria de salientar que suas contribuições foram fundamentais, servindo como um estímulo constante durante o processo de pesquisa e de escrita.

Aos sambistas e ao samba, o grande inspirador deste trabalho. Axé !

À São Paulo, a cidade que aprendi a amar em seu caos às vezes organizado, mas repleta de oportunidades e de amizades.

Por último, mas não menos louvável, quero manifestar minha gratidão a Deus e todas as “forças do além”, por esses anos de pesquisa tão prazerosos, por agirem sempre em meu favor e me presentear com a alegria de aprender.

RESUMO

DOZENA, A. **As Territorialidades do Samba na Cidade de São Paulo**. 2009 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

Esta pesquisa busca compreender os diferentes usos do território na cidade de São Paulo sob a perspectiva particular do samba, visto que ele pode ser retratado espacialmente. A partir dos distintos usos territoriais pelos sambistas, houve a articulação entre a teoria e o trabalho de campo, alcançando-se uma explicação crítica das territorialidades presentes no “mundo do samba”, e realizando-se um aprofundamento teórico-metodológico na problemática que envolve o território e a cultura. Nesse sentido, tornaram-se evidentes os mecanismos pelos quais as práticas sociais, discursos e representações subjetivas dos sambistas se territorializam e atuam como contra-finalidade. Tais ações privilegiam a vivência e o lazer durante o ano todo, não só no carnaval, além de estruturarem redes de sociabilidade que geram territorialidades com um sentido essencialmente coletivo.

Palavras – chave: territorialidades, samba, história, São Paulo, urbanização.

ABSTRACT

DOZENA, A. **The Territorialities of the Samba in Sao Paulo City**. 2009 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

This research attempts to understand the different uses of the paulistano territory in the context of the events which are associated with the samba in Sao Paulo city. From the different territorial uses by sambistas, there was a joint between the theory and the work of field, reaching a critical explanation of the territorialities in the “world of samba” and focusing on the problem that involves the territory and the culture. In this sense, the mechanisms through which the samba “occupies” in social practices and subjective representations became evident; acting as against-finality. All these practices benefit the experience and the leisure over the whole year, not only at Carnival, besides structuralizing sociability nets that generate territorialities in an essentially collective sense.

Words - key: territorialities, samba, history, Sao Paulo, urbanization.

RÉSUMÉ

DOZENA, A. **Les Territorialités de la Samba dans la Ville de São Paulo**. 2009. f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

Cette recherche a pour but comprendre les différents usages du territoire paulistano dans le contexte des événements associés à la samba dans la ville de São Paulo. À partir des usages territoriaux distincts par les danseurs de samba, nous avons fait l'articulation entre la théorie et le travail de champ en atteignant une explication critique des territorialités présentes dans le « monde de la samba ». De cette façon nous avons réussi à un approfondissement dans la problématique qui implique l' territoire et la culture. Dans ce sens sont devenus évidents les mécanismes par lesquels la samba s'établit en tant que pratiques sociales et représentations subjectives, beaucoup de fois irréductibles à la rationalité économique. Telles pratiques privilégient outre l'expérience et le loisir pendant toute l'année, pas seulement pendant le carnaval, la structuration des réseaux de sociabilité qui produisent des territorialités avec un sens essentiellement collectif.

Mots - clé: territorialités, samba, histoire, São Paulo, urbanisation.

Hoje desaprendo o que tinha aprendido até ontem

E que amanhã recomencarei a aprender.

Todos os dias desfaleço e desfaço-me em cinza efêmera:

Todos os dias reconstruo minhas edificações, em sonho eternas.

Esta frágil escola que somos, levanto-a com paciência

Dos alicerces às torres, sabendo que é trabalho sem termo.

E do alto avisto os que folgam e assaltam, donos de riso e pedras.

Cada um de nós tem sua verdade, pela qual deve morrer.

De um lugar que não se alcança, e que é, no entanto, claro,

Minha verdade, sem troca, sem equivalência nem desengano

Permanece constante, obrigatória, livre:

Enquanto aprendo, desaprendo e torno a reaprender.

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados da pesquisa documental e de campo, além das leituras e atividades acadêmicas realizadas no período de elaboração do doutorado, entre os anos de 2006 a 2009. Nesse período, procuramos concentrar o trabalho primeiramente em uma orientação de cunho mais geral, que atendesse algumas das necessidades do projeto de pesquisa inicial, qual seja, o reconhecimento dos aspectos relativos à territorialização do samba na cidade de São Paulo.

Ao tratarmos de cidade não desconsideramos o fato de que a dinâmica intra-urbana se articula com as dinâmicas interurbanas (LEFEBVRE, 1999), em um único processo que comanda a constituição da rede urbana e da metrópole paulistana. Igualmente, a opção pela categoria de análise cidade ocorreu pela demarcação do estudo não abarcar outros eventos de samba presentes na Região Metropolitana de São Paulo, o que ampliaria em muito o recorte aqui proposto. A cidade é aqui considerada como um fato econômico e uma relação política (WEBER, 1982), um fenômeno de origem político-espacial manifestada em sua dinâmica territorial (GOMES, 2002), a combinação entre a forma material e o seu conteúdo social (SANTOS, 2002) e a expressão concreta dos processos sociais na forma de um ambiente construído, que reflete as características da sociedade (MUNFORD, 1961).

Ao focalizar o objetivo central do trabalho e buscar compreender alguns processos pelos quais o samba estabelece territorialidades por meio de práticas sociais e representações subjetivas que tornam São Paulo uma cidade capaz de “convidar” os indivíduos à realização humana por meio da integração com o samba, que permeia todas as suas regiões; faz-se necessário perceber os significados dos territórios demarcados pelos sambistas e como se dá a interação dos sambistas com esses territórios.

Em outras palavras, torna-se necessário a reconstrução da dialética existente entre a forma e o processo, pois como afirma Francisco Scarlato (2004), os espaços construídos, sejam os públicos ou os privados, revelam códigos e sentidos no bojo da interação social, transcendendo sua materialidade e sua temporalidade; remetendo-se à memória que extrapola o momento atual além de suplantar gerações.

Cabe de início enunciar que o objetivo principal deste trabalho é o de realizar um aprofundamento teórico-metodológico na problemática que envolve o território e a

cultura, buscando-se a compreensão do uso do território na cidade de São Paulo sob a perspectiva particular do samba, visto que ele pode ser retratado espacialmente. Além disso, busca-se pesquisar os mecanismos pelos quais as práticas sociais, discursos e representações dos sambistas se territorializam e atuam como contra-finalidade. Assim, é intuito do trabalho analisar as territorialidades do samba dentro da trama da cidade de São Paulo, verificando onde o samba se manifesta, como ele se manifesta, como ele evoluiu e como ele se deslocou para as distintas regiões da cidade. Além disso, analisaremos algumas ações de demarcação, apropriação, controle e vivência territorial exercidas pelos sambistas.

Tendo em vista o cumprimento do objetivo geral e em função da amplitude da problemática desta pesquisa, optamos por empregar inicialmente dois “recortes” em duas escolas de samba do Grupo Especial do carnaval paulistano, como procedimento metodológico da pesquisa de campo. O primeiro, refere-se à análise das formas de manifestação do samba no Parque Peruche, bairro pertencente ao distrito de Casa Verde, na Zona Norte. O segundo foi o acompanhamento da fase de preparação do carnaval de 2007, levado a cabo na quadra da Escola de Samba Vai-Vai.

A escolha desses “recortes” se justifica por serem áreas tradicionais de samba na cidade de São Paulo. Conforme constatamos no Mapa 1 – Escolas de Samba Paulistanas em Atividade – Cronologia das Fundações, o Parque Peruche encerra um importante destaque na presença de escolas de samba. Além disso, a afinidade com alguns moradores facilitou o contato durante a realização da pesquisa de campo. No caso da Vai-Vai, a escolha foi feita em virtude de ser uma das mais tradicionais escolas de samba da cidade, localizada em um dos “berços” do samba paulistano - o bairro do Bexiga; além de ter um caráter “cosmopolita”, por congregar frequentadores de vários pontos da cidade.

Uma das reflexões importantes presentes nesse trabalho, diz respeito ao fato de que o samba não se trata apenas de um estilo musical que ainda conserva no imaginário social do brasileiro e do estrangeiro uma das mais importantes formas de representação de brasilidade. É preciso reconhecer que o samba ultrapassa o estilo musical e que, algumas relações estabelecidas pelas camadas sociais populares em seus bairros, geralmente, não são reveladas para toda a sociedade, embora forneçam relevantes indícios simbólicos onde acontecem. Outro equívoco (presente tanto no discurso dos

sambistas como de alguns estudiosos do assunto) pode ser percebido no ideário a respeito do carnaval, quando o considera uma festa democrática nas cidades, compartilhada ao longo da história de modo homogêneo por todos os seus participantes. Ou ainda, quando se considera que o carnaval que acontece nos bairros, em geral associado a bandas, blocos carnavalescos ou escolas de samba que não desfilam no Sambódromo do Anhembi, é de menor importância; embora repleto de espontaneidade, improvisação e simbolismo¹. É possível, até mesmo, traçar um paralelo com os jogos dos times de futebol de várzea, que mesmo com pouca infra-estrutura, mobilizam muitas pessoas durante os finais de semana na cidade de São Paulo².

Iniciamos este trabalho salientando que o samba apresenta uma dimensão mais ampla que a do carnaval. Embora a festa carnavalesca tenha sido envolvida pelo espetáculo televisivo que tem como palco o Sambódromo, ela nunca saiu dos bairros e hoje “costura” novas relações sociais a partir de uma movimentação própria que se dá nos “territórios do samba”, motivada pelos blocos carnavalescos, rodas e movimentos de samba; além dos eventos que ocorrem ao longo do ano nas quadras das escolas de samba.

Posto isto, vale bem diferenciar o samba do carnaval, cujo elemento central reside exatamente nas festas realizadas no mês de fevereiro ou março, marcadas pela apropriação de alguns elementos presentes no samba. Igualmente, é importante reafirmar que o universo do samba não só circunscreve um estilo musical, mas, também, as práticas sócio-espaciais e estilos de vida que coexistem com os acontecimentos carnavalescos; o que, como já frisamos, muito influenciou historicamente sua configuração e associação direta com o carnaval.

Outra constatação é a de que, cada vez mais, os movimentos e rodas de samba dialogam com a comunidade tendo a sociabilidade como fundamento. Nesse entendimento, contrapõem-se, na maioria das vezes, aos valores culturais de consumo imediato, vislumbrando-se novas possibilidades de construção de outra realidade. Ao mesmo tempo, reafirmam a hipótese central desta pesquisa, a de que o samba - a partir de

¹ Na verdade, a dinâmica do espetáculo está diretamente relacionada aos eventos orientados ao grande público. Conforme tratado pela profa. Dra. Bernadete A. Castro Oliveira em Mesa Redonda na UFSCar/Sorocaba, em 29/08/2009, há outros casos de dinâmicas que se encerram em manifestações ritualísticas, capazes de demarcar alguns aspectos culturais pela repetição, pela idéia da “refundação” dos valores sociais e comunitários envolvidos.

² É interessante notar que, por um curto período de tempo, a “TV Cultura” exibiu o campeonato “Desafio ao Galo”, disputado por times provenientes dos vários bairros da cidade. Ainda que fosse um campeonato marcado pela competição, exprimia uma “vitalidade social” a partir da congregação dos moradores dos diversos bairros, o que tecia um paralelo importante ao futebol de caráter espetacular e televisivo.

redes de sociabilidade dotadas de um sentido coletivo - inspira e aponta para caminhos alternativos aos do cotidiano atual, repleto de contradições e paradoxos. A perspectiva teórica a respeito das redes de sociabilidade auxilia na discussão sobre a territorialização dos sambistas e a formação dos “territórios do samba”:

Rede de movimentos sociais são redes sociais complexas, que transcendem organizações empiricamente delimitadas, e que conectam, simbólica e solidaristicamente, sujeitos individuais e atores coletivos, cujas identidades vão se construindo num processo dialógico de identificações sociais, éticas, culturais, político-ideológicas e/ou de intercâmbios, negociações, definição de campos de conflito e de resistência aos adversários e aos mecanismos de discriminação, dominação ou exclusão sistêmica (WARREN, 2005, p.35).

É no lugar que um conjunto de ações passa a acontecer, havendo o questionamento do funcionamento da racionalidade instrumental (HABERMAS, 1975) comandada pelo princípio da eficácia, por intermédio do Estado e da economia, e que se utilizam de mecanismos reguladores controlados pelo poder e pelo dinheiro. Na perspectiva de Habermas, o questionamento do estabelecido torna possível a instauração da racionalidade comunicativa, fundamentada na argumentação e na indagação das ações e dos valores, o que também permite a negociação coletiva dos fins.

Nessa mesma direção, Thompson argumenta que “uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole, em uma arena de elementos conflitivos” (THOMPSON, 1998, p.17).

A partir de seu engajamento direto com o samba e comunitariamente, os sambistas apropriam-se do território tanto para a vivência³ quanto para a produção e reprodução de sua vida material. São essas apropriações do espaço geográfico, que a partir das relações sociais produzem e podem fortalecer uma identificação que utiliza o território como referência. Assim, os sambistas desenvolvem trocas simbólicas com os territórios em que estão inseridos, “constituindo parte de seu equipamento sócio-psíquico, adquirido em seu processo de socialização e de vida” (MORAES, 2001, p. 44).

³ Estamos considerando a perspectiva de Walter Benjamin (1995) segundo o qual, aqueles acontecimentos captados e amparados pela consciência que provocam o choque, assumem o caráter de vivência.

A noção de sambista que aqui é considerada abrange o sujeito que impulsiona a “evolução” do samba - o que independe da sua cor da pele - com ações e motivações próprias, guiadas por escolhas e concepções que igualmente lhes são próprias, envolvendo discursos, representações e formas de consciência particulares. Neste sentido, é a partir das manifestações dos sambistas que se produzem as territorialidades que aqui serão retratadas.

Na perspectiva arraigada em um caráter de dominação política e dominação do acesso a uma área geográfica, Robert Sack (1986) sugere que o território se manifesta pela tentativa por um indivíduo ou grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica. Seguindo essa perspectiva, Paulo Gomes (2002) define territorialidade como sendo “o conjunto de estratégias, de ações, utilizadas para estabelecer este poder, mantê-lo e reforçá-lo” (GOMES, 2002, p. 12), ou ainda como “a forma de expressão geográfica do poder social” (ibidem, p. 120). Daí o autor não acreditar que a noção de território possa se confundir com qualquer dimensão emotiva ou de identidade, pois estas já seriam parte de uma estratégia de tomada de controle:

O conceito de território é antes de mais nada uma classificação, não simplesmente uma classificação de coisas, mas de coisas dentro de um espaço. Visto dessa forma, o território é definido pelo acesso diferenciado do qual ele é o objeto, por uma certa hierarquia social da qual é a representação e finalmente por um exercício do poder do qual é produto e um dos principais instrumentos (GOMES, 2002, p. 139).

Em contrapartida, alguns autores atentam para a dimensão subjetiva do território, a exemplo das noções de “território cultural” ou “território simbólico” presentes em Bonnameison e Cambrezy (1996), conforme aponta Haesbaert (2006). Também em Guattari (1987), a noção de território apresenta-se relacionada com a de espaço vivido, sendo sinônimo de apropriação e subjetivação (sabendo que, quando há um sentimento identitário por uma determinada área, existe um momento em que a identidade é ativada como movimento de reconhecimento e se transforma em algo que é objetivado, podendo conformar um movimento de luta ou de reivindicação territorial coletiva).

A noção de territorialidade que estamos levando em conta é aquela que considera a apropriação e o controle dado ao território pelos sambistas; a partir de mediações espaciais de poder, que se estendem desde o concreto ao simbólico (HAESBAERT, 2004; SOUZA, 1995). Essa noção muito se desenvolveu pelo contato com os antropólogos, intercambiando-se questões referidas a simbolismos, heranças e gêneros de vida. As territorialidades são, assim, as ações estratégicas de demarcação, de prática do poder, controle e vivência territorial exercidas pelos sambistas, onde “por meio deste controle é possível a imposição das regras de acesso, de circulação e a normatização de usos, de atitudes e comportamentos” (GOMES, 2002, p. 12) sobre um pedaço do solo.

Buscando interpretar as representações e identificações presentes no território e considerá-lo como uma dimensão da experiência humana dos lugares, passamos a estimar a apropriação realizada cotidianamente pelos grupos que nele habitam e lhe conferem dimensões não apenas simbólicas, mas também econômicas e políticas. Ao tratar das territorialidades no “mundo do samba” consideramos que a apropriação “pode ser construída a partir de múltiplos veículos, imaginário, sentimentos, posse, propriedade, uso, sem que nenhum deles signifique sempre o exercício efetivo de um controle sobre os objetos e as práticas sociais que aí ocorrem” (GOMES, 2002, p. 13).

Esta foi a “saída” encontrada para tratarmos das redes de sociabilidade presentes no “mundo do samba”, o que permitiu não ficarmos presos à clássica concepção de território sob o aspecto do poder territorial. Não optamos pela noção de espacialidade pelo seu caráter de vagueza e obscurantismo, sendo freqüentemente usada sem muito rigor teórico. Além disso, entendemos que a noção de territorialidade tem um caráter mais “humano-concreto”; o que, portanto, revelou-se interessante para o presente estudo. Preferimos não utilizar a termo espacialidade por acreditarmos que, embora seja muito utilizado principalmente pelos pesquisadores em geografia, consiste em uma definição ainda vaga e genérica⁴.

De certo modo, os conceitos de espacialidade e de territorialidade se superpõem, não sendo possível estabelecer limites tão rígidos entre eles. Vale lembrar que o território

⁴ A partir da consideração de que o espaço geográfico é configurado pela vida e pelas ações, podemos constatar que a espacialidade abrange esta vida fluída nele presente. A espacialidade é essa essência da mobilidade do território, que é dinâmica e móvel. Interessantes reflexões sobre esta temática estão presentes em MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

guarda sua espacialidade, na medida em que também contém ações. Entretanto, ao optarmos pelo conceito de territorialidade, acreditamos ganhar maior objetividade no direcionamento das várias funções que o território pode adquirir em momentos distintos, modificando-se em sua função social.

Diante disto, o conhecimento dos “territórios do samba” abriu-se à possibilidade de se entender as relações com outros lugares, ampliando a discussão para além do cultural e recuperando outras dimensões ligadas ao cotidiano. A partir do cotidiano, os sambistas definem o seu território e fazem uso daquilo que antecede a própria noção de território - o espaço geográfico. São estas apropriações do espaço geográfico que o transforma em “territórios do samba”, apropriações assumidas como mediação de representações construídas a partir de um imaginário ao samba relacionado, onde os próprios bairros passam a fomentar representações da vida urbana. Não somente eles como também as quadras e barracões⁵ das escolas de samba, os viadutos apropriados para ensaios, os fundos de quintal, as lajes de casas simples, os centros culturais e praças públicas, os bares, as feiras e ruas onde as rodas de samba acontecem. Mais do que simples edificações ou áreas situadas em algum ponto da cidade, estes lugares⁶ adquirem uma diversidade de significados e valores subjetivamente projetados e territorializados.

Em uma dinâmica cotidiana, o espaço geográfico é transformado em território pelo uso social, econômico e cultural que lhe é conferido pelos sambistas a partir das apropriações cotidianas desse espaço. Para Agnes Heller (1972), o cotidiano é revelador das diversas atividades exercidas sobre o território, e é nele que se desenvolvem diferentes práticas sociais em suas respectivas sociabilidades através da história. A vida cotidiana, segundo esta autora, não pode se dissociar do cotidiano da história da sociedade, pois os fatos históricos nascem no cotidiano e remetem à idéia de repetição. Contudo, esse território não é só de reprodução, mas também de produção de sentidos, que são acompanhados de espontaneidade. Este posicionamento já implica considerar a espontaneidade como uma das principais características do cotidiano, “não querendo

⁵ Os barracões são os locais onde tanto as escolas de samba quanto os blocos carnavalescos utilizam para a confecção de suas fantasias e adereços, além da construção dos carros alegóricos. Nestes locais, o carnavalesco e o chefe de barracão orientam as costureiras, os serralheiros, os decoradores e os carpinteiros no desenvolvimento das etapas de trabalho voltadas ao desfile carnavalesco.

⁶ Neste trabalho, lugar tem o sentido posto por Rogério Haesbaert, ao afirmar que além do lugar “envolver características mais subjetivas, na relação dos homens com seu espaço, em geral implica também processos de identificação e relações de identidade (HAESBAERT, 2006, p. 138).

dizer com isto que todas as atividades do cotidiano estão no mesmo nível, mas que existe uma tendência marcante do cotidiano para a espontaneidade” (HELLER, 1972, p. 18).

Concordamos com autora ao tratar da espontaneidade como aquilo que é criativo e manifesta o potencial de negociação e circulação por realidades e situações distintas. Neste sentido, certas práticas sociais fundamentadas no cotidiano induzem ou favorecem a configuração de “territórios do samba” na cidade, configuração que depende de múltiplas variáveis, como o contexto histórico de cada localidade, a doação do terreno pelo Poder Público, a existência de terrenos mais baratos, a maior ou menor acessibilidade, dentre outros fatores que serão aqui tratados.

Diante desse quadro, uma questão principal se apresenta: Quais são as territorialidades geradas pelo samba na cidade de São Paulo?

Dividido em capítulos, este trabalho apresenta algumas reflexões fornecidas pelos diversos conjuntos documentais consultados e pela pesquisa de campo realizada entre 10/06/2006 (início da pesquisa) até o momento de sua finalização, no ano de 2009.

No primeiro capítulo, procurou-se concentrar a investigação na questão do samba na constituição do processo de urbanização da cidade de São Paulo. Complementarmente, outras questões foram surgindo: o tema da “economia do samba”, o das negociações políticas presentes no “mundo do samba”⁷, a questão da propriedade dos terrenos onde estão localizadas as quadras das escolas de samba, o financiamento dos desfiles carnavalescos, os empregos gerados e o anúncio da construção da “Fábrica dos Sonhos”⁸.

É interessante notar que as diversas atividades econômicas direcionadas ao desfile carnavalesco são amparadas principalmente pelo trabalho temporário, que abrange uma série de atividades, a exemplo da confecção das fantasias e camisetas por costureiras terceirizadas, e da montagem dos carros alegóricos realizada por profissionais especializados, muitos deles provenientes de Parintins (AM). Assim, pode-se afirmar que

⁷ A designação “Mundo do Samba” visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares, casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba. Em virtude da amplitude de possibilidades de pesquisa, focamos a análise nas escolas de samba, rodas e movimentos de samba. Não houve um apego aos eventos de gafeira, samba-rock e naqueles que ocorrem em bares sofisticados ou botecos; o que por si só renderia outro trabalho.

⁸ Projeto anunciado em 2008 pela Prefeitura Municipal de São Paulo, que disponibilizará um local para que as escolas de samba do Grupo Especial confeccionem seus carros alegóricos, fantasias e adereços. Esta questão será retomada adiante.

estas atividades mobilizam um mercado específico localizado principalmente na Rua 25 de Março (centro) e voltado ao comércio de tecidos, plumas e adereços.

Diante do que até aqui foi exposto, constata-se que parece haver uma tendência de direcionamento do carnaval aos meios de comunicação, acompanhada pela invasão de uma lógica de gestão empresarial nas escolas de samba que desfilam nos dias destinados ao Grupo Especial. No modelo de “desfile midiático” prevalecente, as escolas de samba têm o fim manifesto de competirem no carnaval, ainda que dentro delas exista a possibilidade de acontecerem outras manifestações culturais e de convívio social que nem sempre estão vinculadas a esta competição. Principalmente devido à alta lucratividade obtida, a postura tradicional dos meios de comunicação e do Poder Público é a de privilegiar o carnaval transmitido pela televisão, desconsiderando, na maioria das vezes, o conjunto das relações sociais estabelecidas fora do âmbito dos eventos vinculados ao desfile televisivo.

Tal como expresso no projeto que deu origem a esta pesquisa, o samba funciona como uma das práticas materiais e simbólicas que contribuem para o bem-estar na cidade de São Paulo, embora a lógica da concentração territorial da produção cultural muitas vezes esteja atrelada a fatores econômicos. Neste sentido, existe um “mundo do samba” na Paulicéia que tem por base a relação entre duas lógicas complementares: a da cidade que transforma parte do samba em produto para o consumo (com destaque para o carnaval televisionado) e a do lugar, tradicional ponto de cultivo e fruição de vínculos de pertencimento e sociabilidade comunitária.

Dessa maneira, o carnaval, evento público e privado realizado, praticado e estimado pelos sambistas, revela-se não como o único instante privilegiado para o aprofundamento das reflexões. Outros eventos que se dão na cidade durante o ano todo são de grande importância, embora desconsiderados por parte dos pesquisadores que se debruçam sobre o tema. Estes, ao visualizarem o samba em sua associação única com o “instante” do carnaval, o reduzem à lógica da reprodução de racionalidades programadas e mercantilizadas vigorantes no carnaval midiático.

Vê-se, como já exposto, que o carnaval, festa considerada a mais profana de todas, apropriou-se de elementos do samba, que se tornou legitimado e inserido em uma dinâmica espetacular. Assim sendo, o samba passou a acontecer nos sambódromos,

cooptado por uma indústria que trocou a pele de animal dos tambores pelas peles artificiais produzidas em quantidades consideráveis.

Nota-se que no território, atuam “fios” condutores e mediadores do diálogo entre a tradição e a modernidade, tradição que é dinâmica e está sendo cotidianamente reinventada, mas não necessariamente arruinada pela transformação das manifestações culturais em espetáculo, como se houvesse uma perda inexorável da tradição diante dos processos de transformação cultural.

Vale lembrar que existem relações de troca que não são comerciais, ainda que todo comércio seja uma troca que se utiliza da mercadoria. Vale lembrar também que, mesmo com o processo de globalização, nem tudo se torna global, na medida em que os localismos e regionalismos são reforçados em uma dinâmica cultural que é processual.

Um fato que bem ilustra esta dinâmica de trocas e de negociações entre o tradicional e o moderno acontece na abertura do carnaval paulistano, quando os Afoxés Filhos da Coroa de Dadá e Iyá Ominibú introduzem a primeira noite dos desfiles no Sambódromo do Anhembi. Os afoxés são apadrinhados e aconselhados por pais e mães de santo integrantes de terreiros de candomblé.

No carnaval de 2009, o Afoxé Iya Ominibú homenageou Oxóssi, o orixá das matas, que regia o ano. Segundo declaração do presidente de um dos afoxés ao Jornal O Estado de São Paulo de 20/02/09, Seção Carnaval, a função do afoxé é a de “abrir os caminhos da avenida do samba para que tudo corra bem no carnaval”. Na mesma matéria, o mesmo presidente mencionou o fato de que a São Paulo Turismo - SPTuris, órgão vinculado à Prefeitura da Cidade de São Paulo, teria supostamente nos últimos anos reduzido as verbas a eles destinadas.

Há ainda, na sexta-feira de carnaval, o desfile do grupo de Afoxé Ilú Obá de Mim (mulheres que tocam para o rei, Xangô), cuja bateria é composta e regida exclusivamente por mulheres. O corpo de dança é misto, formado por homens e mulheres, e, desenvolvem uma coreografia pautada pelo xirê⁹ do candomblé, com movimentos que homenageiam todos os Orixás, de Exu a Oxalá. O desfile de 2009 trouxe como tema: “Raquel Trindade: a Cambinda”, importante ícone da causa e identidade negra paulista. Todos os anos, a concentração acontece no Viaduto Major

⁹ Xirê: “Nome da estrutura que organiza a entrada das cantigas e danças ao som do ritmo dedicado a cada orixá” (AMARAL, 2002, p. 51).

Quedinho e o cortejo percorre a Rua Xavier de Toledo, contorna o Teatro Municipal e faz seu encerramento no Largo do Paissandu, em frente à Igreja Nossa Senhora dos Rosários dos Homens Pretos, fundada em 1711¹⁰.

Nesse ano, as fantasias foram baseadas na história de Raquel Trindade e em seus orixás “de cabeça”, Iansã e Obaluaê, demonstrando, assim, que as expressões artísticas ligadas ao samba a aos afoxés não se limitam ao Sambódromo ou a territórios isolados, uma vez que se realizam no espaço urbano.

Também é possível perceber a coexistência entre o tradicional e o moderno, pois ainda que o formato da apresentação tenha vindo dos barracões do Candomblé, a homenageada é contemporânea e viva, tendo inclusive participado do desfile.

Outro direcionamento dado a esse trabalho procurou observar os dados relativos à história do samba na cidade de São Paulo, desde o final do século XIX até os dias atuais, focalizando principalmente as informações relativas à expansão das escolas de samba e dos sambistas em direção às várias regiões da cidade.

Esse recorte temporal foi estabelecido em virtude deste ter sido o período em que o samba se consolidou na cidade de São Paulo, a partir da matriz rural proveniente do interior do estado, que associada aos primeiros ranchos e cordões carnavalescos já no contexto urbano paulistano, possibilitou a organização ulterior das escolas de samba.

Nesse recorte de tempo e de espaço acima referidos, procurou-se investigar que tipo de evidências e quais cruzamentos seriam necessários para a obtenção dos dados relativos ao equacionamento de nossa problemática de estudo.

Para compreender as territorialidades do samba do ponto de vista das rupturas e das continuidades que se deram na história paulistana, optamos por acionar o recurso da periodização, que constitui uma das variáveis-chave fundamentais no estudo das sociedades contemporâneas, sendo também uma importante ferramenta teórica para os estudos territoriais. Conforme pondera Milton Santos (1979, 1985), a periodização possibilita integrar a dimensão temporal nas análises geográficas. Assim sendo, pudemos entender o samba paulistano a partir de seu contexto histórico, pois “cada período pode ser considerado como um segmento homogêneo de tempo histórico, em que as variáveis

¹⁰ Vale mencionar que essa observação me foi feita por Carla Rodrigues, integrante do grupo Afoxé Ilú Obá de Mim. Para maiores detalhes, acessar: <http://www.iluobademin.com.br/>

se mantêm em equilíbrio no interior de uma mesma combinação” (SANTOS, 1979, p. 26).

Com esse pressuposto de método, refletimos sobre os batuques rurais e festivos, além dos rituais religiosos que acontecem desde a chegada dos imigrantes africanos nas senzalas e nos terreiros do interior paulista¹¹. Desta maneira, procuramos entender as transformações que foram se dando nos elementos presentes no samba, desde os batuques, até a conformação dos ranchos, cordões e escolas de samba em um contexto urbano.

Ao especificar a complexidade social, histórica e espacial presente nos fatos ao samba relacionados, procuramos reconhecer as múltiplas interpretações possíveis a partir da proposta de periodização do samba paulistano (Quadro 1). Vale lembrar que, como toda abordagem sintética, essa periodização implica um grau elevado de simplificação e deixa dezenas de acontecimentos que fazem parte da história do samba paulistano.

1º Período: 1914 a 1969 - Batuques rurais, Batuques festivos, Batuques religiosos, Cordões Carnavalescos, Primeiras gravações em discos, Presença do samba nas rádios, Apropriação culta e simbólica do samba pelo Estado, Início da dispersão dos sambistas dos bairros centrais para os marginais

2º Período: 1969 até 1991 - Oficialização do carnaval paulistano, Samba como produto de massa (pagode), Exportação do modelo carioca de carnaval, Intensificação da fundação de escolas de samba, Intensificação da dispersão dos sambistas para as diferentes regiões da Paulicéia

3º Período: 1991 até hoje – Inauguração do Sambódromo do Anhembi, Exacerbação do carnaval como espetáculo televisivo, Samba como produto de massa (samba de raiz, samba-rock), Modelo de escolas de samba empresa, Intensificação dos interesses comerciais públicos e privados no carnaval, Intensificação das ações sociais nas escolas de samba

Quadro 1: Periodização do samba paulistano

Fonte: Concepção e elaboração do autor

¹¹ Já no século XVII foram escritos relatos dos batuques rurais, festivos e religiosos realizados pelos negros, a exemplo dos publicados pelo folclorista Mário Fagner da Cunha (CUNHA, 1937).

Se tomarmos como ponto de partida a periodização, podemos acrescentar à nossa reflexão a correlação entre a “duração” e o “fluxo” do tempo e a “extensão” e “ordenação” do espaço geográfico. Aqui se trabalha com a noção de espaço geográfico desenvolvida por Milton Santos, em que este é entendido como um conjunto indissociável, solidário e contraditório de objetos e de ações, configurados a partir de uma forma-conteúdo que envolve tanto a materialidade quanto os sistemas de vida e de ações (SANTOS, 1996). Complementarmente, consideramos o espaço geográfico como “o terreno onde as práticas sociais se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido” (GOMES, 2002, pg. 172).

Significativamente, a partir da década de 1970, o tempo do samba passou a estar diretamente associado com o tempo do espetáculo, o “tempo do mundo”, de modo a criar uma dependência da “cultura do samba” com relação ao “calendário” que se impôs destacadamente sobre as grandes escolas de samba¹².

Nesse sentido, a periodização nos possibilita perceber as continuidades e rupturas que conduziram a um novo período histórico, ou, as interações dialéticas ocorridas entre o samba e o carnaval no contexto espaço-temporal brasileiro.

Admitindo-se que toda manifestação cultural é dinâmica, cabe considerar que a questão do tradicional x moderno ou do autêntico x inautêntico, transforma-se em uma falsa questão quando considerada ao extremo, na medida em que os distintos grupos sociais têm diferentes interesses e visões de mundo, posto que atuam constantemente no contexto do chamado dinamismo cultural¹³. Buscamos fugir de uma denúncia vaga acerca da destruição das formas culturais tradicionais ou da procura por uma justiça social capaz de justificar a relevância do trabalho.

Por esses motivos, a aceitação desta visão dicotômica no estudo das manifestações culturais implica considerar o Modo de Produção Capitalista como sendo

¹² Aqui são classificadas como grandes escolas as pertencentes ao Grupo Especial e ao Grupo de Acesso. Em 2009 eram do Grupo Especial: Acadêmicos do Tucuruvi, Águia de Ouro, Gaviões da Fiel, Imperador do Ipiranga, Império da Casa Verde, Leandro de Itaquera, Mancha Verde, Mocidade Alegre, Pérola Negra, Rosas de Ouro, Tom Maior, Unidos de Vila Maria, Vai-Vai e X9 Paulistana. No mesmo ano, pertenciam ao Grupo de Acesso: Barroca Zona Sul, Camisa Verde e Branco, Dragões da Real, Flor de Liz, Morro da Casa Verde, Nenê da Vila Matilde, Uirapuru da Mooca e Unidos do Peruche.

¹³ Consideração crítica feita pelo prof. Dr. Antônio Carlos Robert Moraes na ocasião do Exame de Qualificação. Vale dizer que, por concordamos com essa assertiva, buscamos ao longo do texto seguir este posicionamento que apresentará esta tentativa de escrita “não dual”, ainda que dificultada pela tendência à dualidade que acompanha o ato de escrever - talvez uma herança constituída a partir dos sistemas filosóficos gregos.

o grande responsável pela destruição da cultura autêntica, e que após a sua ação, passaria a ser inautêntica, a estar desprovida de tradição ou diluída. Assim, para que as tradições culturais permaneçam ativas e atuantes, elas têm que se alterar continuamente. Em outros termos, as tradições culturais trazem consigo uma maleabilidade capaz de permitir o acompanhamento do processo de modernização, ao mesmo tempo em que se moldam a fim de se manterem enquanto tradição; “alimentando-se” daquilo que muitas vezes as destroem.

Nesse ponto da argumentação, concordamos com Canclini (1997), ao refletir sobre a questão da autenticidade como uma questão não temporal, visto que as culturas são híbridas. Sendo assim, ainda que o samba aconteça espontaneamente, é em alguns casos apropriado pelas dinâmicas mercantis, terminando-se “institucionalizado” ou “espetacularizado”. Logo, pode-se considerar que os próprios sambistas estão “imersos” em algo que nem eles controlam totalmente, ainda que atuem por meio de ações espontâneas e/ou negociadas.

Similarmente, Homi Bhabha (2007) desenvolve sua noção de hibridismo a partir dos trabalhos textuais acerca do discurso colonial. Para Bhabha, o hibridismo sempre consistiu uma ameaça à autoridade cultural e colonial, na medida em que continuamente subverteu o conceito de origem ou identidade pura da autoridade dominante através da ambivalência criada pela negação e pela imprevisibilidade, dadas pelo confronto político entre posições com poderes desiguais; que realizavam certa “negociação cultural”. Afirma o autor que, pela ótica do hibridismo, torna-se possível “vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do povo” (BHABHA, 2007, p. 69); evitando-se a política da polaridade.

Diante disso, estamos inclinados a resistir às contraposições dicotômicas capazes de reduzir a clareza da análise e das observações, e de contribuir para a perda da “potência” desta pesquisa. Das contraposições encontradas, catalogamos algumas comumente presentes nos trabalhos acadêmicos: público x privado, mercado x não-mercado, cultura de massas x cultura de resistência, passado x presente, genuíno x não-genuíno, Indústria Cultural x Indústria Artesanal, comunidade x sociedade, mito x história.

Este posicionamento já implica tratar a dinâmica cultural como algo que não é totalmente autêntico ou puro, pois ao mesmo tempo, a cultura de massa e a cultura

popular “colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim” (SANTOS, 2002, p. 327).

Nesta direção, Milton Santos alerta que:

La Geografía se ha hecho prisionera de dualidades pertinaces y sagradas, causa, también, de muchas de las ambigüedades de las ciencias sociales. Una primera dualidad tiene que ver con su objeto. ¿Es la naturaleza, es la sociedad? ¿Son los lugares o los hombres? A costa de querer sumarlos y no mezclarlos, la ambigüedad se reafirma y la dualidad triunfa, acompañada por otras fuentes de incertidumbre epistemológica, oponiendo el individualismo metodológico al materialismo metodológico, la deducción a la inducción, el realismo al idealismo. Es en esa misma fuente que se alimentan otros conflictos engañosos, como los que oponen lo global y lo local, lo sincrónico y lo asincrónico, la estructura y la acción, lo material y lo inmaterial, lo real y lo ideológico (SANTOS, 1996, p. 03)¹⁴.

Porém, apesar de quase sempre estarmos prisioneiros das dualidades, pode-se dizer que nos últimos anos vem se consolidando na geografia uma postura resistente a elas. Tal posicionamento se alimenta em muito da dificuldade atual em se realizar uma reflexão científica pela alusão aos rótulos de posicionamentos dualistas e incompatíveis com a compreensão da realidade. Ao se renegar uma postura dualista, a melancolia emerge como lembrança nostálgica diante da irretroatividade das transformações culturais.

O presente trabalho demonstrará algumas formas de sociabilidade que poderíamos classificar como “não-produtivistas” ou “pré-produtivistas”, coexistindo com formas produtivistas e evidenciando o fato de que a cultura é algo em movimento, algo dinâmico. A própria uniformidade e hegemonia cultural costumam criar, em certos momentos, novas diferenças; assimilando aspectos culturais em prol da lógica lucrativa.

Nos posicionamentos que aqui serão expressos não é intenção impor maneiras de pensar, nem persuadir ou convencer o leitor acerca de nossos argumentos formulados a partir da realidade estudada, ainda que em alguns momentos possamos parecer melancólicos ou estimuladores de alguns mitos¹⁵ que cercam a história do samba e do

¹⁴ Trecho do pronunciamento de Milton Santos na ocasião em que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Barcelona, no ano de 1996.

¹⁵ Sobre esse assunto ver: BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.

carnaval paulistano; sobretudo quando fazemos sobressair as opiniões parciais de nossos entrevistados (que procuramos relativizar e dialogar textualmente).

Nesse intento, buscamos articular o samba e a teoria geográfica com o conjunto identificável das múltiplas influências perceptíveis (políticas, econômicas e culturais), além de dialogar com autores de “linhas teóricas” distintas, estimulando o pluralismo metodológico como um componente necessário no desenvolvimento do trabalho. Embora não tenha seguido uma única “linha teórica”, procurei manter um encaminhamento textual a partir da vontade de contribuir com o conhecimento geográfico acerca da formação territorial paulistana em sua relação com o samba. Por outro lado, a divisão dos capítulos nas dimensões cultural, política e econômica do “mundo do samba” não significa a desconsideração da inter-relação entre elas; mas trata-se de um recurso de método acionado para a melhor compreensão da problemática posta.

Em seu processo de constituição, pensamos ser interessante clarear concepções, bem como os fundamentos de método que as sustentam. Temos claro que a aceitação de que o método é o caminho que se referencia na teoria e na empiria (indissociáveis), aventa que o explicitemos. Vale mencionar, que optar por essa explicitação sistemática dos fundamentos de método, possibilitou identificar quão numerosas e ricas são as relações que podem ser estabelecidas.

A grande vantagem em explicitar a teoria é que também explicitamos o método, buscando assim torná-lo relevante em face da assimilação crítica das proposições que se adaptam à complexidade de nosso objeto de estudo. Nesse sentido, acreditamos que a crítica deva sempre vir acompanhada da análise, de modo a permear e completar a teoria.

O estudo que ora se introduz busca compreender o território a partir de seu uso, entendendo essa operação como uma discussão contextualizada principalmente no momento presente e baseada no exercício do recorte metodológico da cultura. O uso do território pelos sambistas em geral, dá-se de modo econômico, político ou cultural, a partir do uso que os grupos sociais fazem dele.

Cabe assinalar que um método de interpretação da realidade é capaz de abarcar várias possibilidades, ainda mais quando o objeto de análise é concebido a partir do ordenamento do temário e à luz dos preceitos do próprio método. No caso do estudo que ora se apresenta, vale mencionar que fomos surpreendidos ao longo do processo por seu desenvolvimento, tal qual num romance, onde alguns personagens surgem

inesperadamente como atores principais (neste caso alguns conceitos e categorias de análise), permanecendo ao mesmo tempo em que outros se tornam coadjuvantes. Essa interessante analogia foi feita por Milton Santos, em um dos seus escritos mais metafóricos¹⁶:

Nossa secreta ambição, a exemplo de Bruno Latour, no seu livro *Aramis ou l'amour des techniques* (1992), é que esses conceitos, noções e instrumentos de análise apareçam como verdadeiros atores de um romance, vistos em sua própria história conjunta. Não será a ciência, tal como propôs Neil Postman (1992, p.154) “uma forma de contar histórias” ? Nesse processo, levados pelo investigador, alguns atores tomam a frente à cena, enquanto outros assumem posições secundárias ou são jogados para fora. O método em ciências sociais acaba por ser a produção de um “dispositivo artificial” onde os atores são o que Schutz (1945, 1987, p. 157-158) chama de marionetes ou homúnculos. Quem afinal lhes dá vida é o autor, daí esse nome de homúnculos, e sua presença no enredo se subordina a verdadeiras modelizações qualitativas, daí porque são marionetes. Mas o texto deve prever a possibilidade de tais bonecos surpreenderem os ventríloquos e alcançarem alguma vida, produzindo uma história inesperada: é assim que fica assegurada a conformidade com a história concreta (SANTOS, 2002, p.22).

Portanto, nessa busca das relações entre o samba e o território, a noção do campo disciplinar se impôs, aos olhos dos conceitos e das categorias geográficas. O tema da pesquisa acabou ficando necessariamente circunscrito a um recorte histórico, que por sucessivos atos de esforço adquiriram o formato da tese.

Seguindo tal meta, buscamos internalizar o que já foi escrito sobre o samba na cidade de São Paulo. No processo de constituição dessa tese, o conjunto da obra de Milton Santos ganhou importância na medida em que nela é possível deslumbrar novas interações possíveis num futuro imediato, discerníveis através de relações fundamentadas na solidariedade, atuante por meio de outras formas de racionalidade:

O que muitos consideram, adjetivamente, como “irracionalidade” e, dialeticamente, como “contra-racionalidade”, constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade,

¹⁶ Vale mencionar que a observação acerca do caráter metafórico desta passagem me foi feita pelo amigo Samarone Marinho.

racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo (SANTOS, 2002, p. 309).

Torna-se importante resgatar a justificativa deste estudo apresentada no projeto de pesquisa, que colocava a possibilidade de que um “olhar geográfico” seria capaz de desvelar a sociabilidade enquanto fundamento constitutivo das relações entre os sambistas.

A justificativa tencionava contribuir para o aprofundamento de um tema ainda pouco explorado pela geografia, que em geral se preocupa em analisar o imaginário social a partir das letras das músicas ou em tratar da difusão dos estilos musicais, ao invés de se indagar a respeito da configuração do entorno pelas atividades culturais. Essa elaboração aparece transcrita abaixo, em sua versão original:

Os trabalhos geográficos que tratam de temas musicais têm se inclinado ao mapeamento da disseminação dos estilos musicais, ou à análise do imaginário geográfico presente nas letras das músicas, adotando deliberadamente um sentido restrito de geografia e oferecendo um ângulo sintético do campo geográfico, ao invés de questionar até que ponto um fato geográfico é capaz de configurar seu entorno (tradução nossa)¹⁷.

Daí a tentativa de articular a teoria com a prática de campo, alcançando-se uma explicação crítica do “mundo do samba” na cidade de São Paulo. Nesse entendimento, temos claro o intuito de legitimar coerentemente a proposta metodológica já exposta e aprofundada nos próximos parágrafos.

O quadro temporal utilizado por este trabalho procura explicar os aspectos do presente não somente o considerando como produto do passado, mas também, inserindo-o em sua relação com o futuro, com o sincrônico. Nessa visão, o samba constitui um dado empírico do processo histórico, que pode ser reconhecido em um comportamento cultural determinado. Relutantemente, em distintos locais e situações, ainda que o samba esteja sendo constantemente criado e recriado, mantém-se “vivo” e atuante na consciência de determinados agrupamentos sociais. Cabe frisar que o caráter desta visão

¹⁷ Geographic work on music has until very recently tended to restrict itself to mapping the diffusion of musical styles, or analyzing geographical imagery in lyrics, working with a deliberately restricted sense of geography, offering the geographer’s angle on well-trodden ground rather than asking how a geographical approach might refigure that round (LEYSHON, 1998, p. 4).

é evidente naqueles sambistas que apresentam menor poder aquisitivo e se encontram mais “ligados” ao lugar.

Aqui, trabalha-se com uma visão totalizadora que busca relacionar os processos e articular os fenômenos na densa e complexa teia do movimento histórico das sociedades. Levando-se em conta esta visão relacional, ainda que mundializados, os lugares não devem ser tratados como a soma das partes que compõe a totalidade, mas sim como possuidores de um caráter “multi-escalar”, conforme nos orienta Milton Santos:

No lugar, o universal se empiriciza tornando-se um particular, porém sem negar sua origem universal, nem seu destino universal (tradução nossa)¹⁸.

Para Milton Santos, a busca do todo - enquanto essência - a partir dos variados percursos de investigação empírica, comprova que o mundo está em todos os lugares e que temos que trabalhar com todas as escalas. Em outros termos, defende o autor a necessidade de se trabalhar ininterruptamente com essa relação dialética e “multi-escalar”, utilizando-se de uma visão totalizadora como preceito de método.

Diante disto, pode-se dizer que a aceitação da multiplicidade das escalas (global, regional e local) condiciona o resultado do conjunto dos processos investigados. Tal equacionamento é de central importância, pois é no lugar que encontramos as possibilidades de realização do mundo, o que faz dos lugares o próprio mundo.

Assim, o lugar emerge como um conjunto estruturado de objetos e de ações internamente relacionados, capazes de potencializar a totalidade-mundo a partir do cotidiano. Desse modo, Milton Santos argumenta: “impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade que nos é dada através da consideração do cotidiano” (SANTOS, 2002, p. 315).

Segundo esse mesmo autor, ao se buscar apreender a integridade dos processos sociais em manifestações empíricas reveladoras de identidade, não se pode deixar de lado a escala global. Isto é, ao se explicar a autonomia da existência fenomênica de um lugar

¹⁸ En el lugar, lo universal se empiriza haciéndose un particular, pero sin negar su origen universal, ni su destino universal (SANTOS, 1996, p.05).

unicamente pelo próprio lugar, mascara-se os fatores explicativos que existem, na medida em que a noção de totalidade permite um tratamento objetivo da realidade e de sua universalidade empírica.

O estudo do lugar e de seus aspectos particulares da vida social pode, a partir de uma apreensão totalizante, captar determinações básicas da formação social em que se insere. Por outro lado, o potencial de estudo do lugar se encontra em seu dinamismo próprio e autêntico, podendo atribuir novos sentidos, verdadeiros e enriquecedores à existência de cada indivíduo.

A partir da noção de formação sócio-espacial de Milton Santos (1990), buscamos pensar as especificidades da história de São Paulo, estabelecendo as relações entre os seus diversos agentes e fatores que produzem e produziram a metrópole. É no lugar que essas relações se concretizam, por meio de usos diferenciados do território em determinado momento histórico. É também na trama histórica que se podem entender os mecanismos da produção social do território, que “condicionam o uso dos lugares a cada momento, abrindo, possibilidades analíticas para uma dimensão geográfica na interpretação da história humana” (MORAES, 2001, p. 34).

Conforme expresse anteriormente, optamos por compreender o território a partir de seu uso, pois a partir de seu uso é possível recortar metodologicamente a cultura. De fato, o uso do território pelas escolas de samba, movimentos de samba, rodas de samba e sambistas em geral dá-se de modo econômico, político ou cultural, a partir do uso que os grupos sociais fazem dele.

Esse tratamento do samba como um processo social articulado por estas três dimensões permite “recortar suas manifestações concretas, fornecendo elementos para a particularização do processo universal de valorização do espaço” (MORAES, 2001, p. 39).

Igualmente, esta apropriação dos “territórios do samba” com objetividade e intencionalidade, intensifica a importância social destes lugares, que são em grande parte reconhecidos por seus frequentadores. É esta característica de uso coletivo que torna esses lugares especiais, pois satisfazem muitas necessidades individuais de convivência social.

Por outro lado, eles são um “campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, definem, ao mesmo tempo, um limite,

uma alteridade, a diferença entre nós: o grupo, os membros da coletividade ou comunidade, os *insiders* e os outros: os de fora, os estranhos, os *outsiders*” (SOUZA, 1995, p. 89). Tal entendimento, que será retomado na seqüência dos capítulos, aparece expresso na seguinte formulação de Rogério Haesbaert:

Como uma espécie de cidadão global intermediário, tenho alguma liberdade para traçar meus próprios territórios no interior da cidade, mas absolutamente não sou livre para construí-los em qualquer lugar – minha classe social, meu gênero, minha língua, meu sotaque, minhas roupas - cada uma destas características joga um papel diferente na construção de minha territorialidade urbana (HAESBAERT, 2004, p. 351).

Paulo Gomes lembra que a categoria comunidade pode parecer à primeira vista simpática, por conferir um estatuto de grupo organizado e “harmônico” às pessoas que a integram. Entretanto, a comunidade pode agir como um reforço da exclusão “na medida em que diferencia estas comunidades de uma sociedade urbana global que forma a cidade”. (GOMES, 2002, p. 15).

Considera-se, desta forma, o samba como mais do que um gênero musical: ele é também um modo de pensar, de sentir, um gênero ou estilo de vida que permite a construção de territorializações particulares na cidade.

Para Bourdieu, o estilo de vida se refere ao “gosto, a apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras” (BOURDIEU, 1983, p. 83). A vivência no “mundo do samba” é capaz de conceber condutas e convivências distintas, criando um “gosto” particular dos sambistas, que por sua vez proporciona a constituição da identidade do grupo que os diferencia dos demais grupos sociais:

A identidade é antes de mais nada um sentimento de pertencimento, uma sensação de natureza compartilhada, de unidade plural, que possibilita e dá forma e consistência à própria existência. O coletivo tem absoluta preeminência sobre o indivíduo, e a construção de uma identidade se faz dentro do coletivo por contraste com o “outro” (GOMES, 2002, p. 60).

Além disso, a vivência na cidade permite “trocas simbólicas” (BOURDIEU, 1987) com outras manifestações culturais ao samba relacionadas, destacadamente o Candomblé, a Capoeira, os Afoxés, o Funk e o Rap. Vale lembrar que antes de Bourdieu, Vidal de La Blache já havia trabalhado com o conceito de gênero de vida, relacionando-o ao conjunto de técnicas e costumes construídos e transmitidos socialmente, permanentemente sujeitos às alterações ocasionadas por modificações do próprio meio ou pelo contato com outros gêneros de vida (VIDAL DE LA BLACHE, 1954).

É, todavia, no entendimento da organização funcional e social dos “territórios do samba”, geradores de arranjos territoriais e sociabilidades singulares, que detivemos nossos esforços. Desse modo, o conjunto de micro-espacos simbólicos (Bourdieu, 1983) estabelecidos pelos sambistas e refletidos na apropriação dos locais públicos, no comportamento alegre, desviante e subversivo, na linguagem, na musicalidade, na ritmicidade e na corporeidade; resulta na legitimação do gênero de vida praticado pelos sambistas diante de outros grupos e papéis sociais assumidos no cotidiano.

Assim, surgem personagens que interagem entre si na construção tanto da cultura, em um trânsito processual contínuo que se dá no território. Aqui cabe salientar que toda materialidade e imaterialidade cultural construída pelos grupos sociais se inscrevem em um conjunto social com seu território demarcado, a partir da configuração de territorialidades.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, partimos das obras já elaboradas acerca do samba paulista, isto é, realizando a pesquisa em fontes secundárias. Além desse levantamento bibliográfico em centros de documentação e bibliotecas, vale destacar a ida à União das Escolas de Samba de São Paulo – UESP, cuja documentação ali existente foi imprescindível no estabelecimento de um primeiro rol de dados ligados a origem do samba paulistano, bem como à sua disseminação pelos diversos bairros da cidade.

Igualmente, por meio de uma documentação de caráter complementar: informações contidas no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros - IEB da Universidade de São Paulo - USP, enriquecemos a análise de nossa problemática que, aos poucos, passou a incorporar reflexões mais aprofundadas.

Também recorreremos a instituições ligadas diretamente com a organização do carnaval em São Paulo, entre elas: a Sociedade Amantes do Samba Paulista - SASP, as quais foram importantes no levantamento dos endereços das escolas de samba em São

Paulo e basilares para o mapeamento realizado. Nesta tarefa em particular, convém salientar que boa parte dos endereços foram obtidos diretamente com alguns entrevistados, em decorrência da mutabilidade freqüente da localização de algumas quadras; por motivos que serão tratados adiante.

Ao longo do texto, são resgatados alguns depoimentos, relacionando-os com as observações e as leituras realizadas, buscando, assim, uma articulação coerente com o texto. Evidentemente, o universo de análise dos depoimentos coletados é amplo, tendo no deslindamento desses discursos um exercício constante de busca da importância do aprofundamento das reflexões que guardam orientações geográficas.

Todas as entrevistas realizadas serviram como procedimento para o estabelecimento de novos nexos e a reinserção de elementos históricos e geográficos na articulação das idéias, enriquecendo, assim, o horizonte da pesquisa pela qualidade temática abordada. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais da cidade de São Paulo: Fernando Penteado (Quadra da Escola de Samba Vai-Vai na Bela Vista), T. Kaçula (Estúdio de gravações no bairro da Lapa), Antônio Carlos Malacuias – Billy (Universidade de São Paulo), Tiaraju Pablo D’ Andrea (Universidade de São Paulo), Celso de Lima (residência no bairro da Casa Verde), Nanci Frangiotti (Sede da Ouvidoria Geral do Município na Galeria Olido), Edléia dos Santos - Léia, Róbson de Oliveira e Betinho (União das Escolas de Samba de São Paulo – UESP), Francisco Rocha (Bar em Pinheiros) e Márcio Michalczuk Marcelino - Lino (residência no Parque Peruche). A todos os entrevistados foi solicitada a permissão para a utilização de seus nomes nesse trabalho. Vale assinalar que, pelo teor de algumas falas, o nome do entrevistado será resguardada.

As entrevistas foram realizadas pelo autor do presente trabalho, apoiadas por um roteiro de questões previamente definidas. Todas elas foram gravadas e transcritas, o que nos permitiu estabelecer algumas regularidades no discurso destes sambistas e entender algumas regras do “ethos”¹⁹ que produz adeptos ao samba em cada bairro da cidade.

Em algumas circunstâncias, houve a convivência com os sambistas e moradores, procedendo-se a aproximação com os habitantes do Parque Peruche e os freqüentadores da escola de samba Vai-Vai. Gradualmente, as delimitações de algumas idéias foram se

¹⁹ Conforme a dimensão do conceito trabalhado por Hegel, que o define como sendo o “espírito do povo”. In: (BOBIO, 1995, p. 67).

configurando, o que possibilitou refletir sobre as relações e a dinâmica da vida nos bairros, que passou a se revelar através do samba. Além dos depoimentos, foram basilares, a observação dos fatos do dia a dia e o ingresso nos bastidores do “mundo do samba” por meio da participação em festas, ensaios de bateria e eventos de samba promovidos pela comunidade local. Sem esta participação, dificilmente algumas informações dessas comunidades poderiam ser obtidas. Gomes (2002) lembra, acertadamente, que embora essa categoria possa à primeira vista parecer simpática, por conferir um estatuto de grupo organizado e “harmônico” a estas pessoas, age na verdade “como um reforço da idéia de exclusão, na medida em que diferencia estas comunidades de uma sociedade urbana global que forma a cidade” (GOMES, 2002, p.15).

Na perspectiva de um pesquisador “branco”, minha posição distanciada foi perfeitamente compreendida e não gerou nenhuma oposição entre os sambistas. Evidentemente, enquanto pesquisador interessado nas territorialidades do samba, não me deixei levar pela ideologia que apregoa que as manifestações culturais afro-brasileiras devem ser estudadas por pesquisadores negros. Igualmente, a situação de um pesquisador “branco” de classe média me possibilitou refletir acerca da atualização da falsa idéia de que não é possível estudar uma manifestação cultural sem fazer parte da comunidade enfocada. Assim, tornou-se relevante não se propor uma concepção racialista ou essencialista ao fenômeno cultural; com uma falsa pretensão de se encontrar nele as suas matrizes originárias e puras.

A pesquisa de campo foi complementada com a organização de um vídeo-documentário, o que também se tratava de um pressuposto do projeto de pesquisa inicial. Desse modo, o texto pode ser mais bem compreendido pelas cenas captadas da maneira em que acontecem “micro - estruturalmente”, nos encadeamentos sonoros e corporais que se dão nos “territórios do samba”.

Por intermédio dos entrevistados, conseguimos o apontamento de algumas dezenas de pessoas com as quais se tornaria possível “conversar a respeito do tema”: este foi o primeiro ato de aproximação, que expandiu os contatos necessários para a operacionalização do objetivo de nosso trabalho. Apesar de nossa condição de pesquisador, na maior parte das vezes não se deu atenção a isto, seja por desinteresse ou seja porque o mais importante era a minha indicação por parte de certos membros apreciados pela comunidade. Alguns contatos foram feitos junto com alguns de nossos

apresentadores (os entrevistados acima citados) durante os eventos de samba, o que dava à conversa o caráter de visita “respeitável”. No entanto, gradativamente, esse auxílio foi deixado de lado surgindo a integração à rotina dos eventos e do cotidiano dos sambistas. Dizia-se apenas que gostaríamos de “conversar sobre samba”, “saber como era a vida no bairro”. Daí em diante, bastava iniciar as entrevistas e as observações. Durante o período em que a pesquisa foi realizada, além de termos conversado com muitas pessoas envolvidas com o “mundo do samba”, visitamos muito mais lugares do que os que são revelados em nosso texto; e que não foram explicitados pela opção do recorte metodológico.

A primeira constatação importante a partir das entrevistas foi a de que existe uma dinamização do entorno em algumas áreas da cidade, efetivadas pelo comércio especializado em acessórios para o carnaval e pela confecção de camisetas e fantasias por costureiras terceirizadas; o que acaba contribuindo para a captação de recursos.

A segunda é a de que há o reconhecimento da importância do samba enquanto elemento aglutinador, gerador de sociabilidades e de pertencimento. Cabe mencionar que esses eventos festivos de samba não só mobilizam o conjunto da população, como também oferecem algumas “válvulas de escape” no conjunto das infra-estruturas de lazer da cidade, que são em geral escassas, sobretudo nos bairros mais afastados do centro. Assim, para um sambista residente no bairro onde está sua escola de samba, há uma identificação com a escola e com o próprio bairro, onde se congregam os membros da comunidade.

No posicionamento aqui assumido, o samba não poderia ser alçado com um status “romantizado”, por várias razões, a exemplo dos conflitos políticos e das oposições presentes no âmago do “mundo do samba”. A esse respeito, Thompson (1998) nos adverte que “o próprio termo “cultura”, com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto” (THOMPSON, 1998, p. 17).

Assim sendo, mesmo a condição de pesquisador de uma manifestação festiva e alegre, obrigou-me a apreendê-la com certo olhar distante (Claude Lévy - Strauss), o que não obstaculizou a “observação participante” (uma grande contribuição da Antropologia para a Geografia) nem o envolvimento rigoroso com o tema. O uso dessa técnica possibilitou a imersão no cotidiano dos sambistas, partilhando de seus eventos e normas

de sociabilidade; compreendendo os princípios que elucidam os procedimentos e os processos culturais ao samba relacionados.

Existem várias definições acerca do significado da palavra samba. A partir da definição de Nei Lopes, o samba é entendido como o nome das várias danças populares brasileiras ou das músicas que acompanham essas danças. Segundo este mesmo autor, a palavra originou-se dos quiocos (*chokwe*) de Angola, cujo verbo significa “cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito. Entre os bacos angolanos e congueses, o vocábulo designa uma espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro” (LOPES, 2003, p. 14). E essas duas formas se originaram da raiz multilinguística semba: rejeitar, separar, que deu origem ao quimbundo di-semba. Aqui cabe destacar que desde o continente africano, o dançar da semba esteve acompanhado da umbigada, um elemento coreográfico fundamental presente nas origens do samba rural paulista, em que os dançarinos batem seus umbigos uns nos outros.

Cabe destacar ainda que, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a origem do vocábulo samba é banto, embora apresente étimo controverso. Para A. Ramos, o quimbundo samba refere-se a umbigada, um passo de dança presente no batuque, ainda hoje encontrado em Luanda e Angola.

Para o pesquisador da cultura brasileira, Mário de Andrade (1965), o samba primeiramente simbolizou a dança, para posteriormente se transformar em um estilo musical. Em muitas ocasiões, as manifestações de samba foram chamadas de batuque, dança de roda, lundu, chula, maxixe, partido-alto e batucada; convivendo simultaneamente com os acontecimentos carnavalescos, o que muito influenciou sua configuração e associação direta com o carnaval.

Um dos problemas e desafios instigantes a ser enfrentado nas pesquisas sobre cultura e espaço geográfico é exatamente a amplitude dos temas, especialmente após a constatação de que os estudos sobre as questões culturais na geografia nem sempre focalizam as discussões sobre o território definido por seu uso.

As práticas culturais expressam os valores e os sentidos vividos pelos agrupamentos sociais específicos, o que também delimita suas diferenças em relação a outros grupos. Nesta ótica, conforme Paulo Gomes (2001), “a cultura corresponde a certas atitudes, mais ou menos

ritualizadas, por meio das quais se estabelece uma comunicação positiva entre os membros de um grupo” (op.cit., 2001, p. 93), ou ainda, “um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais este grupo forja uma imagem de unidade e de coerência interna” (GOMES, 2001, p. 93).

Por outro lado, há um problema nos trabalhos que estão voltados aos fenômenos culturais: o de tomar o fato cultural a partir de descrições exaustivas, não se diferenciando da visão antropológica, por exemplo²⁰. Segundo Gomes (2008), o feito mais importante a ser tomado pelo pesquisador geógrafo é a verificação da coerência interna do sistema de posições e de localizações que se encontra intrínseco ao fenômeno ou a representação do fenômeno cultural estudado:

A disposição física das coisas materiais, ou mais precisamente essa ordem espacial, possui uma lógica ou uma coerência. É justamente a interpretação dessa lógica do arranjo espacial e de seus sentidos que compõe o campo fundamental das questões geográficas (GOMES, 2002, p. 172).

Daí a importância de se discutir a questão da geograficidade das manifestações culturais, ou seja, o ponto onde podemos estabelecer o “rótulo” de geográfico a determinado estudo, discutindo-se também os porquês da dimensão espacial da cultura, buscando-se as marcas que individualizam o caráter geográfico das pesquisas e que são “obtidas essencialmente pela importância explicativa atribuída à localização relacional que se estabelece entre as coisas, os fatos, os fenômenos e as pessoas” (GOMES, 1997, p. 13; 2008, p. 188); observando-se a relação que pode existir entre a localização e as suas significações.

Nesse entendimento, ao tratar da cultura, a geografia deve buscar compreender a dimensão espacial inerente aos fenômenos culturais, que guardam sistemas ontológicos (ordens espaciais) fundamentais em termos de posições e de locais, que devem ser desvendados pelos geógrafos. Assim sendo, as disciplinas não se definem pelos objetos, mas o que modela a diferença entre as áreas científicas é o questionamento construído e

²⁰ Esta discussão foi trazida pelo prof. Dr. Paulo César da Costa Gomes no “Encontro Internacional Geografia: Tradições e Perspectivas – Homenagem ao Centenário de Nascimento de Pierre Mombeig, realizado no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, em 04 de dezembro de 2008.

que faz com que a compreensão do fenômeno seja geográfica, a partir de uma forma de se compreender o mundo que deve estar baseada no sistema de posições e de localizações. Assim, torna-se difícil defender a existência de um único método para a geografia ou para a geografia cultural. Vale ressaltar que, durante todo o processo de realização da pesquisa, tivemos em mente essa preocupação com relação à lógica geográfica nela inserida. Igualmente, resistimos a reificar a dimensão cultural, procurando-se inseri-la no âmbito da dimensão econômica e política do “mundo do samba”.

Resta dizer que, na escrita deste trabalho, o uso de algumas letras de música tem a intenção de complementar a pesquisa qualitativa realizada, estabelecendo recortes e isolando processos históricos ocorridos em São Paulo e no Brasil. Esta aproximação textual pode auxiliar na elucidação da estrutura e da dinâmica do “mundo do samba”. De fato, as letras permitem retratar a expansão territorial do samba na cidade de São Paulo, daí as termos utilizado em algumas ocasiões.

Propomos nas próximas páginas averiguar a territorialização dos eventos de samba na cidade de São Paulo, inclusive aqueles de menor repercussão, olhando com atenção para a dinâmica particular de cada um (organização, regras, frequentadores). Igualmente, buscamos analisar o modo como esses eventos são realizados e, por fim, compreender a sua importância na configuração de territorialidades repletas de representações, capazes de modificar a percepção que os próprios sambistas têm da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **A transformação da filosofia**. Lisboa: Estampa, 1981.

AMARAL, Rita. **Xirê ! O modo de crer e de viver no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

AMARAL, Raul Joviano. **Os pretos do Rosário de São Paulo**. São Paulo: João Scortecci, 1991.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da música brasileira**. São Paulo: Martins, 1965.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.

BELO, Vanir. **O enredo do carnaval nos enredos da cidade**. 215f. Mestrado (Dissertação) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BENJAMIM, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1995. vol. 18.

BERQUE, Augustin. Paisagem marca, paisagem matriz. Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs) **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84–91.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BLASS, Leila Maria da Silva. **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba: a dupla face do carnaval**. São Paulo: Annablume, 2007.

BOBIO, Norberto. **Estudos sobre Hegel**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

BORDIEU, Pierre. Gosto de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (org.). **Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 81-92. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BONNEMAISON, J. e CAMBREZY, L. **Le lien territorial**: entre frontières et identités. Paris: L'Harmattan-CNRS, 1996. Géographies et Cultures (Le Territoire) n. 20.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
BRITTO, Ieda Marques. **Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)**: Um exercício de resistência cultural. São Paulo: EDUSP, 1986.

BRUNO, Ernani da Silva. **História da cidade de São Paulo**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

CABRAL, Sérgio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CALDEIRA, Jorge. **A construção do samba, de Donga a Noel Rosa**. São Paulo: Mameluco, 2004.

CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997b.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARRIL, Lurdes de F. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Annablume, 2006.

CASTRO, Márcio Sampaio de. **Bexiga: um bairro afro-italiano**. São Paulo: Annablume, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. Barracão de escola, barracão de ala: breve estudo dos bastidores do Carnaval. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 20, p.175-184, 1984.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 2.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. **Mercator – Revista de Geografia da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, v.1, n. 1, p. 19-28, 2002.

_____. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed.UFSC, 2007.

CORREA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.167-186.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª edição. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

CUNHA, Mário Wagner Vieira da. Descrição da Festa de Bom Jesus de Pirapora. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, v. 41, 1937.

CUNHA, Fabiana Lopes. **Da marginalidade ao estrelato: O samba na construção da nacionalidade (1917-1945)**. São Paulo: Annablume, 2004.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. O Carnaval como rito de passagem. In: **Ensaio de Antropologia Estrutural**. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 121-168.

DARDEL, Eric. **L’Homme et la Terre – Nature de la Réalité Géographique**. Paris: CTHS, 1990. 199 p.

DIAS, Maria O.L.S. **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DIAS, Paulo. **Comunidades do Tambor**. Texto de apresentação da exposição multimídia “Comunidades do Tambor”. Evento: Percussões do Brasil. SESC Vila Mariana, São Paulo, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FÉLIX, Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbábue: a construção da identidade nos bailes black paulistanos**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2001.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de Samba: Sujeitos Celebrantes e Objetos Celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949**. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FERREIRA, Maria L. F. de Oliveira. **Entre a casa e o armazém: Relações sociais e experiências da urbanização**. São Paulo: Alameda, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANGIOTTI, Nanci. **O espaço do carnaval na periferia da cidade de São Paulo**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor; ROLNIK, Raquel. **Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências**. Cadernos Metrópole, n. 6, 2001, p. 43-66.

FROTA, Wander Nunes. **Auxílio Luxuoso: Samba Símbolo Nacional, Geração Noel Rosa e Indústria Cultural**. São Paulo, Annablume, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

GOMES, Paulo César da Costa; HAESBAERT, Rogério. O espaço na modernidade. In: **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, n. 5, 1988. p. 47-67.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Geografia *fin-de-siècle*: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 13-42.

_____. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 93-113.

_____. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Espaço e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. 296 p.

_____. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Raquel. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto ideologia. In: **Coleção Os Pensadores – Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1978.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **Geographia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123, 1996.

_____. A geografia humanista: uma revisão. In: **Espaço e cultura**: Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 2008. 183 p.

KINN, Marli G. **Negros congadeiros e a cidade: Costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia – MG**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas– USP, São Paulo, 2003.

LA BLACHE, Vidal de. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.

LANGENBUCH, Juergen Richard. In: **Espaço & Debate: periferia revisitada**, n° 42. São Paulo, Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos – NERU, 1981, p. 85-91.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991. 216p.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 178p.

LEYSHON, Andrew; MATLESS, David; REVILL, George. **The place of music: music, space and the production of place**. New York: The Guilford Press, 1998. 326p.

LÉVY, Jacques. Les promesses de l'improbable: Espace et musique. In: LÉVY, Jacques. **Le tournant géographique. Penser l'espace pour lire le monde**. Berlin: Éditions Belin, 1999.

LOPES, Nei. **Sambeabá: o samba que não se aprende na escola**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Folha Seca, 2003.

_____. A presença africana na música popular brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Uberlândia, n. 50, p.1-11, jul. 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2. ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p 24-38, 2002.

MAIA, Francisco Prestes. **Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

_____. **O Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo.** São Paulo: Melhoramentos, 1930.

MARCUSE, Herbert. **Materialismo histórico e existência.** 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

MANZATTI, Marcelo. **Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudos sobre o samba de bumbo ou samba rural paulista.** 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARCELINO, Márcio Michalczuk. **Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo.** 2007. 169f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONBEIG, Pierre. **La croissance de la ville de São Paulo,** Grenoble: Institut et Revue de Géographie Alpine, 1953.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Capitalismo, geografia e meio ambiente.** 2001. 202f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MORAES, José Vinci de. **Sonoridades paulistanas: final do século XIX ao início do século XX.** Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

_____. **Metrópole em sinfonia. História, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

MORAIS, Wilson Rodrigues de. **Escolas de samba de São Paulo.** São Paulo: Conselho Estadual de Arte e Ciências Humanas, 1978.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988.

MOURA, Roberto M. **No princípio era a roda. Estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes.** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MUNFORD, Lewis. **A cultura das cidades.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

MUNIZ JÚNIOR, José. **Subsídios para a História do Samba.** São Paulo: Símbolo, 1976.

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **A presença do negro na cidade. Memória e território da Casa Verde em São Paulo.** Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. PUC: São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **Geografia do turismo na cultura carnavalesca: O Sambódromo do Anhembi.** São Paulo: Paulistana, 2007.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In: **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo, Brasiliense, 1985.

PENTEADO, Fernando. A origem das escolas de samba paulistanas. **Revista Sampa Concentração**, São Paulo, v.1, p. 11-18, 2003.

PEREIRA, Paulo. **São Paulo – A construção da cidade entre 1872 e 1914.** São Carlos: Rima, 2004.

QUEIROZ, Maria I. P. de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

QUINTÃO, Antônia Aparecida. **Irmandades negras: outro espaço de luta e resistência (1808-1822).** 1991. 189 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

_____. **Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII).** São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo [Antropogeographie].** Turim: Fratelli Bocca, 1914.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, Francisco. **Adoniran Barbosa – O Poeta da Cidade**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RODRIGUES, Ana Maria. **Samba negro, espoliação branca**. São Paulo: Hucitec, 1984.

ROLNIK, Raquel. **Cada um no seu lugar (São Paulo, início da industrialização: geografia do poder)**. 1981. 229f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

_____. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

SACK, Robert. **The human territoriality – Its theory and history**. Cambridge: University Press, 1986.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: Transformações do samba no Rio de Janeiro, 1917-1933**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/UFRJ, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2005.

_____. **O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. **El espacio banal, una epistemología de la existencia**. Universitat de Barcelona, Solemne Investidura de Doctor Honoris Causa, 1996.

_____. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, ago. 1996b.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002. Coleção Milton Santos.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 15ªed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SAUER, Carl. The morphology of landscape. In: LEIGHLY, J. (org.) **Land and life: Selections from the writings of Carl Sauer.** Berkeley: University of California Press, 1963. p. 315-350.

SCARLATO, Francisco Capuano. Busca do centro – o reencontro com a cidade. In: CARLOS, Ana F.A.C. **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 247 -270.

_____. **O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro.** 1988. 279f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SEEMANN, Jörn (Org.). **A Aventura Cartográfica: Perspectivas, Pesquisas e Reflexões sobre a Cartografia Humana.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. O cosmopolitismo pacifista da Belle Époque: uma utopia liberal. **Revista de História,** São Paulo, n. 114, jan./jun., 1983.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Vagner Gonçalves; BAPTISTA, Raquel Rua; AZEVEDO, Clara; BUENO, Arthur. Madrinha Eunice e Geraldo Filme: Memórias do Samba Paulista In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.) **Artes do corpo – Memória Afro-Brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2004. p. 123-187.

SILVA, Eloiza Maria Neves. **História de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas.** 2002. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVA, Maria Nilza da. **Território e Raça: Fronteiras urbanas numa metrópole brasileira.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizados em Caxambu – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível no www.abepnepo.unicamp.br/encontro2006. Acessado em 05/06/2008.

SIMSON, Olga Von. **A burguesia se diverte no reinado de momo: sessenta anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo (1855 – 1915)**. 1984. 283f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

_____. **Branco e negro no carnaval popular paulistano (1914-1918)**. 1989. 245f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

_____. **Carnaval em branco & negro: Carnaval popular paulistano: 1914-1988**. Unicamp: Editora da Unicamp, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

QUEIROZ, Maria I. P. de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TINHORÃO, José Ramos. **Os sons dos negros no Brasil (cantos, danças, folgedos: origens)**. São Paulo: Art, 1988.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Luiz H. de. Corporalidade e Festa na Metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna M. de Souza. Jovens na Metrópole. **Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. p. 255-266.

TONNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan. **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970. p. 32-45.

TORRES, Lilian de Lucca. Programa de paulista. Lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 2.ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1998.

TOTA, Antônio Pedro. **O samba da legitimidade**. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1980.

URBANO, Maria Aparecida. **Carnaval & Samba em Evolução na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Plêiade, 2006.

VALLADARES, Lícia. A gênese da favela carioca. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.44, p. 74-89, 2000.

VIANA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

WARREN, Ilse S. Redes Sociais: Trajetórias e Fronteiras. In: DIAS, Leila C.; SILVEIRA, Leandro L. (orgs). **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

WEBER, Max. **La ville**. Paris: Albier Montaigne, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Barcelona: Editorial Península, 1980.

Sites pesquisados:

CARNAVAL de São Paulo. Disponível em: <www.carnavalsp.com.br>. Acesso em: 11 fev. 2007.

LIGA Independente das Escolas de Samba de São Paulo. Disponível em: <www.liga-sp.com.br>. Acesso em: 16 fev. 2007.

SOCIEDADE Amantes do Samba Paulista. Disponível em: <www.sasp.com.br>. Acesso em: 02 out. 2006.

UNIÃO das Escolas de Samba Paulistas. Disponível em: <www.uesp.com.br>. Acesso em: 11 nov. 2006.

Documentários:

MELLO, Gustavo; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. **Samba à Paulista**: fragmentos de uma história esquecida (Filme-Vídeo). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes / Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007. 3 partes.

AMÂNCIO, Cardes; BRAGA, André. **Candombe do Açude: Arte, cultura e fé**. Minas Gerais, 2004, 27 min.

Jornais:

Correio Paulistano 28/03/1881. Consultado no Arquivo Público do estado de São Paulo. Folha de São Paulo, Caderno Cidades, 16/02/2001, pg.12. Consultado na Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.